



Director literario:

*António de Almeida*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Collares*  
PAPUSSE

L  
U  
A  
  
C  
H  
E  
I  
AP  
O  
R  
  
S  
A  
L  
O  
M  
É  
  
N  
E  
V  
E  
S

— Uma criança, olhando a lua cheia dum tom rubro :

O' minha mãe, venha ver  
Que lindo balão nos céus  
Todo vermelho, redondo  
Será do Menino-Deus?

Andará Jesus brincando?  
Por ser noite de S. João,  
Teria deitado ao vento  
Aquele lindo balão?

Quando fôr pelo Natal,  
Eu hei-de ir, pé ante pé,  
Pôr os meus lindos sapatos,  
A' noite, na chaminé.

Não hei-de fazer barulho  
Hei-de estar muito quietinha;  
Verei o Menino-Deus  
A um canto da cosinha.

Depois, quando éle chegar  
Hei-de lhe dizer assim:  
—O' meu Menino Jesus,  
Boquinha de querubim,...

Quero pedir-te um favor,  
Tu não me dirás que não...  
Em lugar doutros brinquedos,  
Se me dás o teu balão?!

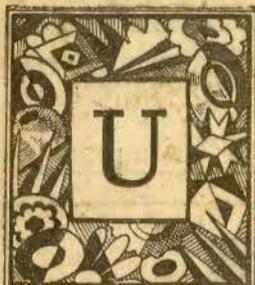
Volta ao céu num instantinho  
Eu fico a esperar-te aqui;  
Os bonitos que eram meus  
Podes guardá-los p'ra ti,—

# A COCINELA

:: Talismã ::

POR ZINA CABRAL

Desenhos de E. Malta



MA criança vestida pobremente, mas com asseio, atravessava aquela rua sombria, lamacenta...

O dia conservara-se enevoado e soprava uma brisa gélida. A chuva miudinha, como peneirada em fino crivo, atormentava os viandantes e a mísera criança de rosto macilento e de olhar triste, descalça, tiritante, caminhava apressada com as mãos

nas algibeiras, cabecita envolta por uma boina de cor duvidosa, tal o uso contínuo.

Atractivo algum detinha o pequeno e assim passava sempre ávante dos estabelecimentos ornamentados com beleza e critério.

Que vitrines tentadoras!

Primeiro avistara o mostruário de um restaurante enfeitado com boas carnes, peixes e frutas saborosas. O olhar exprimira-lhe a cobiça de certa iguaria confortável e substancial para o estômagozinho cheio de fome e também para o de sua Mãe e Irmã, muito doentes, desfalecendo à mingua de recursos...

Seguira-se-lhe a exposição de calçado numa sapataria. Tão lindos sapatos para elas!...

Aquém, mais a um canto, apercebera, de relance, umas botas consistentes para os seus pésroxos de frio! As últimas que possuira, guardara-as num canto do sótão... Sola, quasi não existia, o cabedal esburacado no cimo, deixava-lhe os deditos de fóra...

Pressuroso, seguia sempre sem detença e agora o olhar muito triste desliza-lhe por certa montra ornada com os matizes singulares e bizarros de fazendas, bem dispostas para atrair a atenção dos que passavam...

Algumas dessas fazendas, desejava poder obtê-las a fim de abrigar os corpos das suas doentinhas e reformar as duas únicas blusitas de percal, já bastante remendadas e as duas saias bem transparentes pelo uso...

Mais além, uma montra repleta de bons e fortes panos brancos!

Se possuisse dinheiro, adquiriria uns metros para camisas. Lá em casa só havia duas; uma da Mãezinha, outra da Irmã e eram vestidas nos dias da visita do farmacêutico, um bom senhor que tanto auxílio lhes prestava...

Deus, a quanto não montaria a dívida na farmácia!...

E no padeiro... no talho... na mercearia... no lugar da hortaliça?...

Todas estas idéas tristes se acumulavam no pequenino cérebro de Artur—assim se chamava a criança—e com o coração oprimido de angústia, caminhava ainda mais, alargava o passito tanto quanto podiam as suas frágeis pernas, o corpinho fatigado e doente, alquebrado de vigílias, de frio e de fome.

E deveria tornar-se alguém o pequenito (visto ser inteligente e possuir bons dotes de coração) se pudesse aprender nos bons livros tudo o que, com tristeza, ouvia ler aos garotos, seus vizinhos!

Aquelas coisas tão lindas!... tão lindas!...

Aqueles sinais negros tão expressivos—letras lhas chamavam—e as palavras formadas por essas letras, como éle as quizerá decifrar!...

Tão aborço neste meditar profundo, quasi passava além da farmácia do bom velhote.

E lá estava éle a ler uma receita entregue havia instan-

tes por uma pobre mulher coheria de vestes andrajosas que limpava a furto certa lágrima rebelde em assomar aos olhos baços de pranto.

O bondoso Senhor Ferreira atendia todos com o mesmo disvelo, sem olhar a condição humilde ou elevada de qualquer cliente!

Que aspecto tão simpático o seu!

Figura esbelta, rosto de feições regulares guarnecido por dois olhos grandes e vivos, a barba e o cabelo já completamente alvos, da alvura do linho... e nos lábios finos; bem delineados, um sorriso sempre acolhedor, uma palavra sempre amiga e consoladora.

Estaria rico se não fóra a sua alma carinhosa, propensa só ao bem, condóida das misérias humanas...

Vivia confortável, é certo, mas a maioria dos lucros auferidos iam para os indigentes.

Naquele dia, apesar de chuvoso, a farmácia conservava-se repleta de clientela.

Os empregados iam e vinham numa azáfama constante e o Senhor Ferreira de todos pretendia cuidar, também pressuroso.

Atendia agora, com bastante respeito, uma senhora nova



ainda, pouco bonita, mas atraente, de maneiras agradáveis e distintas. Trajava luto rigoroso e chegara há pouco num esplêndido trem puxado a dois formosíssimos e irrequietos alazões.

Apesar da conversa parecer animada, os olhos do farmacêutico bajlavam constantemente de um para outro lado, acima das lunetas acavaladas na ponta do nariz. Avistou portanto o rapaziño que ora entrava e se lhe dirigia:

—Muito boa tarde, Senhor Ferreira. Minha Mãe pede-lhe o favor de enviar por mim um remédio para lhe abrandar as dores sentidas no peito... A Tereza também continua tossindo. Queixa-se de dores mais fortes... Diz que fenciona ver se pode levantar-se qualquer dia para retomar o trabalho. Devemos tanto... e a V. Ex.<sup>a</sup> então...

— Bom, bom, atalhou o venerando farmacêutico. Vai-se preparar um medicamento eficaz para essas dores violentas. Vai também mais algodão iodado. Quanto a tua irmã não permito que se levante por enquanto. Logo irei falar com ela...

E em voz baixa ordenou a um empregado o aviamento da receita necessária.

Entretanto a dama havia-se afastado um pouco. Olhava o pequeno com atenção e reparava-lhe no aspecto doentio, na figura esquelética, no olhar maguado e triste.

Algo impressionada pela conversa acabada de ouvir e, mais ainda, pela observação directa dos seus raios visuais, interrogou o velho Ferreira acerca da família do petiz:

— Na realidade, são dignos de cominação... O pai do pequeno Artur era débil de constituição e em virtude do alcoolismo e outros abusos, adquiriu dentro em pouco a inevitável tuberculose. Faleceu há sete anos e a viúva com o filho, de poucos meses apenas, e a pequena com oito anos, viu a fome e a ruína a dentro do lar. Arrestou uma vida de trabalho insano. A fadiga prostrou-a em certa altura e já aguarda há muito o leito. Creio mesmo não poder recuperar a saúde perdida. Daqui lhes vão todos os medicamentos necessários e até algum dinheiro, mas tudo isto não satisfaz na sua totalidade, o estritamente indispensável ao tratamento rigoroso das três criaturinhas...

A filha, rapariga activa e inteligente, apesar da sua pouca idade, trabalhava ultimamente em casa, na profissão que aprendera — costureira e bordadora. — Prestava um enorme auxílio, todavia para suprir as despesas restritas demais com a mãe no estado em que se encontra, trabalhava em demasia para a sua idade e péssima alimentação. Um dia enviou aqui o irmãozito para eu ir vê-las. A mãe peorara e ela, bastante alquebrada e com febre não podia sustar-se em pé. Fui. Vou lá quasi diariamente, porém tenho tantos doentes a socorrer...

A bondosa dama confrangida pelo relato do velho farmacêutico, informou-se da morada de Artur e partiu ao trote largo dos seus fogosos cavalos.

Artur, bastante acabrunhado, aguardava a um canto o aviamento dos remédios, ansioso de regressar a casa onde a mãezinha o estaria aguardando por certo já ançiosa...

— Desta vez a demora fóra maior, pensava, quando uma voz o despertou do seu triste reflectir.

— Aqui tens, meu pequeno. Leva isto às doentinhas,



Dize a tua mãe que a vossa conta, entendes bem? que a vossa conta não existe.

O garoto muito admirado, arregalava desmedidamente os lindos olhotos de coloração castanha. O Senhor Ferreira, após as suas palavras acorrera à gaveta e tirara um enorme

livro. Aberto êle, em certas páginas passara-lhes um traço rubro e obliquo e gravara na última lauda uns caracteres vermelhos também.

— Compreendeste o que eu te disse há pouco? Dize às tuas doentinhas que já não devem coisa alguma na farmá-



cia. Fiz por conta própria o saldo de todos os medicamentos enviados até hoje... Agora vai depressa levar esta boa notícia, disse ao bater amigavelmente uma palmadita na face da criança embevecida.

Artur satisfeitiíssimo, agradeceu e partiu veloz com o seu pequeno embrulho.

Naquela manhã, ao levantar-se, avistara uma borboleta branquinha, junto à única janela da casa e por ter sempre ouvido falar na boa profecia de tal aparição, o seu pequeno cérebro interrogara-se. Agora a boa nova surgira-lhe de modo inesperado...

Lépidio satisfeito, Artur continuou o caminho de casa. Súbito, ao voltar a esquina perto do gradeamento existente na vedação dum soberbo jardim, esvoaçou dentre um rincão florido de esplendorosos cravos pintalgados, uma Joaninha, (designação popular de um insecto pequenino, com dois pares de asas vermelhas e cujo nome científico é *Cocinelas*).

A crença popular atribui a esse pequeno insecto, o poder de tornar muito feliz a pessoa sobre quem poisar. Assim, a criança ao vê-lo no bracoito, parou surratamente, tentou apanhá-la e conseguiu-o.

A sua alegria atingiu o auge. Correu rua fóra. Ofegante, erguia o braco a empunhar a Joaninha. Mal podia articular palavra ao entrar em casa:

— Mãesinha... Teresita... trago aqui a felicidade para ambas!

Desta vez ainda nova surpresa o aguardava. As doentes vestidas, sentadas junto à cama pareciam aguardar alguém e da sua cor terrivelmente macilenta, sobressaía um sorriso feliz aflorado aos lábios descorados.

Após o primeiro momento de surpresa e hesitação, acorreu, num impulso para ambas:

— Foi a minha Joaninha, foi a minha Joaninha que trouxe a alegria! Foi... não se riam!... E como hei-de eu conservar agora a Joaninha cá em casa? Sim... porque eu quero ver as minhas doentinhas curadas e alegres?

Uma viva comoção agitou as doentes e as lágrimas, os beijos e os risos, fundiram-se-lhes ao abraçar o pequeno Artur.

Por sua vez êle tagarelando transmitiu o recado do sr. Ferreira e a mãe, ao escutá-lo, pensa:

— Este pequeno... este pequeno irá longe... Virá a ser alguém, tão alevantados são os seus sentimentos, tanta nobresa encerra a sua alma pura...

E a mãe diz-lhe:

— Artur, escuta bem o que tua irmã vai contar. Eu não posso falar muito... Estou fraca... Teresa fala então:

(Continua na pag. 6)



# O PEQUENO SALTIMBANCO

POR MARIA ROSA RÉSÉDA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

R

ATAPLAN, rataplan, rataplan plan, plan plan... Ouve-se rufar o tambor, numa marcha alegre, fazendo aparecer às janelas muitas cabeças de crianças contentes por terem nova distração.

— Que engraçado pequeno! — exclamou uma delas.

E Pedrito, que ouvira a exclamação, ergueu os olhos muito azuis para a janela donde ela tinha partido. Pôs o tambor na borda do passeio, e começou a

fazer habilidades, dando saltos e cambalhotas com uma cara tão cómica e uma agilidade tal, que por todos os lados se ouviam gargalhadas. A' volta do pequeno saltimbanco, tinha-se juntado muita gente. Quando êle acabou, uma salva de palmas veio recompensá-lo do trabalho que tivera, ao mesmo tempo que, no pequenino boné, caíram algumas notas, que Pedrito agradeceu com um meigo sorriso. Depois tornou a pendurar o tambor ao pescoço, e, distribuindo uns pequenos papéis que anunciavam uma representação, ao ar livre, para aquela noite, continuou o seu caminho seguido por uma multidão de garotos.

Estava um frio cortante. O pequeno tiritava; tinha os pés e as mãos rixas, mas, apesar disso, continuava manejando com verdadeira mestria as baquetas do seu tambor, atraindo, assim, muita gente. Os garotos começaram a debandar, e, por fim, o pequeno julgando-se só, começou a contar o dinheiro que ganhara. Apenas quinze tostões! Enfim, para êle, que nada tinha, era uma fortuna. Precisava tanto duns sapatos! Mas para isso tinha que arranjar muitos quinze tostões... Paciência; antes de mais nada ia comprar alguma coisa, para comer. Deu um suspiro. Tão pequeno ainda e ter que trabalhar tanto! O pai ao morrer entregara-o a um amigo, que era empresário de uma companhia de circo e que, vendo-se arruinado, se tornara num simples saltimbanco. Pedrito não tivera mais remédio senão segui-lo de terra em terra, embora não lhe agradasse muito o ofício. O que lhe valia era gostar tanto de tocar tambor. Era êle o seu confidente; contava-lhe as suas tristezas e as suas alegrias. E, de manhã muito cedo, era ainda o pequeno que acordava toda a companhia ao som do seu querido tambor. Absorvido nos seus pensamentos, não reparou numa pequenita coxa, que, parada diante dêle, olhava para o dinheiro com alguma cobiça.

— Queres alguma coisa? — perguntou Pedrito, admirado, ao vê-la.

— Sim, respondeu a pequena, estendendo a mãozinha. Venho muita fome, dá-me dinheiro para ir comprar pão.

— Como te chamas?

— Beatriz, respondeu ela. A minha mãe está doente; não temos dinheiro em casa, e os meus irmãos choram por-

que tem fome. Eu, então, saí a ver se arranjava algum, ao menos para comprar pão...

Os olhos da criança encheram-se de lágrimas. Pedrito comoveu-se com tanta miséria; afinal havia alguém mais infeliz. Ele podia trabalhar, mas a pequena, assim aleijadinha, que poderia fazer? Lembrou-se, então, das palavras do sr. prior, quando ia à catequese, no tempo em que o pai vivia:

— «Ajudai-vos uns aos outros, porque quem dá aos pobres empresta a Deus».

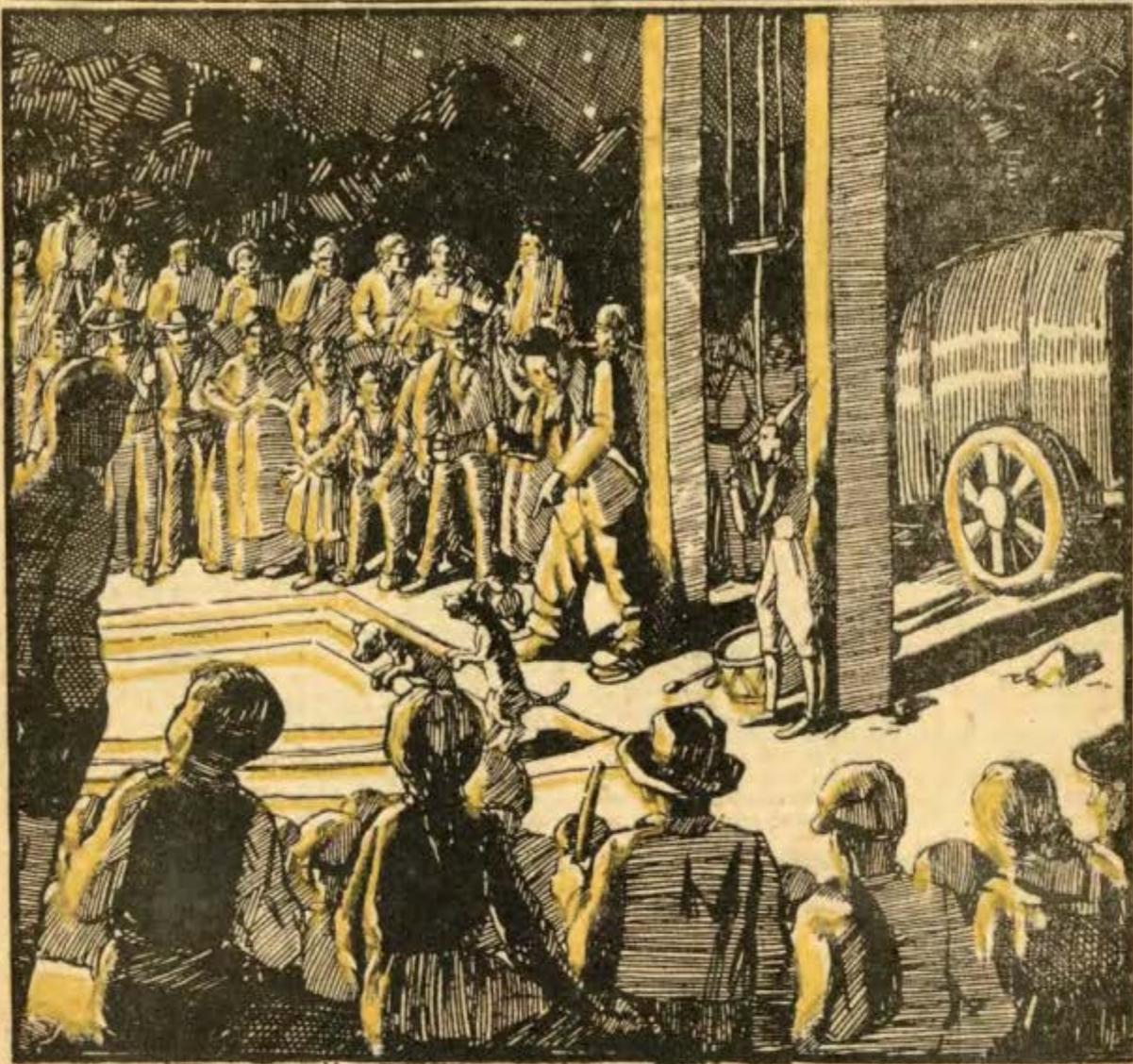
Pegou nos quinze tostões e deu-os a Beatriz. As lágrimas da pequena tinham-se-lhe secado, como por encanto, e os olhos brilhavam agora com uma alegria tal, que pareciam a Pedrito duas estrelas.

— Dás-me êste dinheiro todo, todo?!

— Sim, vai depressa comprar pão e o resto leva-o a tua mãe.

Não foi preciso dizer-lhe duas vezes; a pequena entrou logo numa padaria, saindo daí a pouca com um pão. E Pe-





drito, que a seguira, tomou outra rua, afastando-se lentamente, e não reparou que, dum janelão, alguém tinha visto a sua boa acção.

Nove horas da noite. O largo está brilhantemente iluminado e cheio de gente. O nosso Pedrito não parece o mesmo. Traz um fato de palhaço de diferentes cores todo bordado a lajeoilas, e na cabeça um chapéu em forma de bico que o faz parecer mais alto. Para caber mais gente tinham feito uma espécie de estrado bastante alto e que, num instante, se encheu. Lá estava Beatriz com uma cara muito satisfeita.

Rataplan, rataplan plan, plan...

O tambor anuncia que vai principiar a representação.

Começam por aparecer uns cãezinhos sábios que dançam ao som de uma flauta e fazem várias habilidades. Depois muitas variedades que seria difícil enumerar. O último número era o pequeno saltimbanco. Mas, de repente, as tábuas que seguravam o estrado onde estava Beatriz, partiram-se. As pessoas que estavam sobre elle, quasi tudo homens, puderam fugir. Só ficou a pequena côxa, que ninguém se lembrara de tirar. Agarrada a um pedaço de madeira, muito pátida, ella olhava a enorme distancia que a separava do chão. O momento era critico. Sentiam-se estalar as tábuas; a pequena deu um grito. Mas Pedrito vendo o perigo que corria a sua amiguinha não hesitou. Dum salto encontrou-se junto della. Firmando-se nas pernitias, agarrou-a com todo o geito. Começou a descer devagarinhão. A madeira oscilava, mas felizmente já faltava pouco. Alguns braços estenderam-se; pegaram na pequena. Estava, enfim, salva! Era tempo;

desmoronou-se tudo com grande barulho. Pedrito com outro salto escapara da morte, mas tinha apauhado numa das mãos uma forte pancada e o sangue corria-lhe em abundância. O pequeno saltimbanco não tinha só bom coração, era também um valente. Uma senhora de idade, toda vestida de preto, em cujo rosto se lia a bondade, acercou-se de Pedrito.

— E' bonito o que tu fizeste, sabes?! disse ella, acariciando-o. Vem comigo a minha casa que eu trato da tua ferida. Não tenhas medo, o teu patrão dá licença.

Pedrito tivera sorte. A boa senhora tinha tido um grande desgosto com a morte dum neto da mesma idade de Pedrito e muito parecido com elle. Tendo visto da janela a boa acção do pequeno, ficára impressionada e, vendo a sua valentia, resolveu adoptá-lo, o que só conseguiu com alguma difficuldade, porque o saltimbanco não queria ceder.

— De hoje em diante, disse ella, has-de chamar-me avó; quero convencer-me que o meu neto não morreu.

De pé, encostado à janela, olhando a rua através das vidraças, aquella mesma rua em que elle, pequeno saltimbanco ainda, estivera conversando com uma pequenina côxa, Pedrito pensa... No seu fato à marinheiro ninguém diria o pequeno esfarrapado das ruas. Para a sua felicidade nada lhe falta porque a espalhou também no lar da pequena Beatriz. A boa senhora tomou-a sob a sua protecção. Na-

(Continua na página 6).

## (Continuação do conto A COCINELA)

— Esteve aqui, há bocadinho, uma senhora viúva. É muito rica, não tem família, e dedica todo o seu tempo e fortuna a auxiliar os necessitados como nós. Soube da enorme indigência que arrostamos; teve conhecimento das nossas boas qualidades de trabalho e velu, muito simplesmente expôr o que resolve fazer em nosso benefício. Não tarda aí a carruagem com a sua mais velha serva e ela nos levará para uma linda quinta situada na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, ao cimo da rua da Beneficência. Eu conheço o local por entregar na dita rua, alguma obra minha para certa freguesa... É um sítio muito saudável e ali ficaremos com bastantes comodidades e em rigoroso tratamento.

Tu serás levado quando estejas em condições, para um colégio, e se fôres sempre bom e estudioso, poderás seguir a profissão que fôr da tua preferência. Eu irei nessa ocasião para a companhia da bondosa senhora. Teremos assim de nos separar por algum tempo...

— Mas será para bem de todos nós, respondeu a mãe a chorar, resignada; principalmente meus filhos, para o vosso bem estar futuro. Peço só a Deus, continueis a ser bondosos e reconhecidos...

— Oh mãesinha, interrompeu Artur de chôfre, a mãesinha fica sempre lá nessa tal casa sósinha? Não, assim não quero... não quero! Um gesto de amuo e umas carficias no rosto da doente, completaram o sentido da frase do pequeno. A mãe sorriu, apertando-o bem de encontro ao seio, e a Teresa calculando a sua comoção, continuou:

— Patetinha! A nossa mãe estará lá até ao seu completo restabelecimento e após a nossa saída não viverá só mas acompanhada da tal boa velha serva, que hoje nos vem buscar. Depois da cura irá viver junto de mim e da nossa bemfeitora, a Senhora D. Maria José de Oqueiroz, num palácio muito grande e lindo, repleto de coisas belas e ricas como nunca viste... Tu, querido Artur, irás lá passar as férias também...

— Que bom assim! disse o pequeno a bater as palmitas e a saltar de contente, esquecido da Joaninha que rejomara apressada a liberdade perdida e fugira pela porta entreaberta ao sol ridente agora...

De facto tudo se passará conforme a previsão de D. Jeja (nome vulgar da illustre senhora D. Maria José).

Os inúmeros cuidados e disvelos prestados aos doentes, haviam conseguido um robustecimento lento mas seguro.

Logo que o tempo o permitira, enviara-os para a Serra da Estrela—tão soberba com o lindo manto neveo que conserva orgulhosa, ainda mesmo nos mêzes de calor mais intenso,— e ali a cura não se fez esperar. Depois daquela estadia passaram âmbas a viver no palácio magnificante.

O pequeno seguira com primor todos os seus estudos primários e secundários. Fôra sempre o primeiro aluno laureado. Os condiscípulos admiravam-o, os professores estimavam-o. A mãe e a irmã orgulhavam-se do prodígio. Quanto a D. Jeja amava-o como a um verdadeiro filho!

Quando o interrogará acerca da sua preferência numa carreira brilhante, responderá sem hesitação:

— Só abraçarei com ardôr o curso de medicina e desejaria imenso especialisar-me em doenças pulmonares e de garganta.

Assim, completado o curso em Lisboa, os quatro partiram para a bela capital da França. Dali, seguiram à Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália e Suíça, onde Artur se aperfeiçoou.

O regresso a Portugal fizera-se havia três anos e o bom doutor exerce agora a sua clínica em Lisboa, sem levar dinheiro aos doentes pobres, antes só a receita lhes deixa quantia suficiente ao pagamento dos remédios e dos alimentos indispensáveis à cura.

Artur demonstrá assim não ter olvidado o passado. A grandeza em que era vive não o tornou vaidoso e máu, nem ofuscou os seus mais belos dotes de alma e coração! E fôra as horas de trabalho e estudo dedica-se em absoluto à família e diverte-a com os seus ditos espirituosos, com as anedotas encantadoras do seu tempo de estudante, com a leitura feita em voz alta, de livros cativantes, úteis e alegres, ou com os passeios de carruagem ou a pé em visitas ás propriedades administradas agora por êle com criterioso esmero e bom senso.

Ao avistar, porém, uma borboleta branca envia-lhe sempre um ósculo, pois é levado à recordação íntegra daquela célebre manhã e de alegria anunciada por outro lepidoptero.

Se se apercebe de alguma Cocinela, a sua emoção é ainda mais intensa. Vai pressuroso tentar agarrá-la, afaga-a, e, ao dar-lhe a liberdade, cicia com ternura:

— Vai querida Cocinela. Deus te guie a um lar desprotegido e lá consigas levar a fé num bem futuro, tal como outra «donzelinha» a feyrou ao meu lar naquelle dia jámais olvidado... em que eu, tiritante de frio e fome, atravessava a rua em direcção a casa...

## (Continuação do conto O PEQUENO SALTIMBANCO)

quela casa onde dantes reinava a dôr e a fome, reina hoje o bem estar e a alegria.

Apesar disto tudo, Pedrito anda triste. Não faz caso dos brinquedos espalhados à sua volta. Falta-lhe um, de que êle muito gostava, mas que não ousa pedir. De repente ouve um som muito seu conhecido:

— Rataplan, rataplan, rataplan, plan plan...

São soldados que passam para algum exercício. Duas lágrimas assomam aos olhos do pequeno; é que êle não pode esquecer o confidente das suas tristezas e das suas alegrias — o seu querido tambor. Foi a unica saudade que lhe ficou da vida de boémio. Neste momento entrou a sua protectora, que, tendo ouvido o tambor, leu no rosto do pequeno tudo

o que se passara. No dia seguinte estavam acabando de almoçar quando a criada entrou com um embrulho:

— É um presente para o menino.

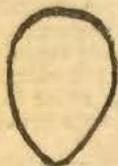
A avó sorriu e fez sinal ao pequeno que podia abrir. Pedrito com as mãos um pouco trémulas, porque adivinhara o que era, começou a desembulhar. Oh, que alegria! Apareceu um lindo tambor com as respectivas baquetas. Pedrito, não cabendo em si de contente, agarrou-se à avó cobrindo-a de beijos.

— Obrigado, obrigado, avôzinha!

Depois correu ligeiro para o jardim, ouvindo-se, daí a pouco, uma marcha alegre:

— Rataplan, rataplan plan plan, rataplan plan plan... Pedrito era agora completamente feliz.

LI-  
ÇÃO  
DE



DE  
SE  
NHO

# ADIVINHAS



Meus meninos: — Vejam se descobrem onde está a cabeça dêste cavaleiro.

## COLABORAÇÃO INFANTIL



E agora vejam se descobrem a quem o Charlot está dizendo adeus.

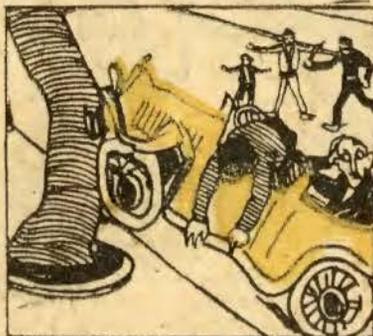


Desenho  
do  
menino  
Francisco Taborda  
de 10 anos de idade.

# DOM CALIXTO ENGUICEIRA



A Dom Calixto Enguiceira,  
De Sarilhos natural,  
Nascido a uma sexta-feira:  
Dia treze pôr sinal,  
Não sei porque arte matreira,  
Tudo lho corria mal!



Se entrava numa «tipóia»  
Num «taxi» ou «side-car»  
Para ir ouvir a Góia  
Ou o Chabí recitar,  
Sofria logo tramóia,  
la tudo pelo ar!...



Se num vapor, viajava,  
Caminho do novo mundô,  
A caldeira rebentava  
Ou o vapor ia ao fundo;  
E só por fim se salvava,  
Mas já quási moribundo;



Danado, fulo com isso,  
Cansado de tanto azar,  
Farto de tamanho enguiço,  
Eis se decide enforcar  
Com as cordas dum chinguíço  
Mesmo à mão de semear.



Prende-as a uma alta ramada  
Sôbre um pequenino poço,  
Lêvemente debruçada;  
E com um grande alvoroço,  
Dando à ponta um laçada  
Enfia nela o pescôço.



Porém, (não sei porque arte  
De berloques ou berliques),  
A ramada verga e parte,  
E Calixto aos tremeliques  
Tomba sem «tir-te nem guarte»  
No poço do mestre Henriques.



Mas como é sempre debalde  
A luta contra o Destino,  
—(Haja em vista o Garibalde,  
O Rivera e Mussolino)—  
Dentro dum enorme balde,  
Ei-lo salvo, são e fino!

E Dom Calixto Enguiceira,  
Salvo e são mas maguado,  
Scisma agora na maneira  
De quebrar o mau olhado,  
Visto que está condenado  
A viver queira ou não queira!

